

A IV CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CABEÇO DO CRASTO DE S. ROMÃO (SEIA)

ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES*

*Carlos Fabião ***
*Amílcar Guerra ***

1 - INTRODUÇÃO

O povoado fortificado do Cabeço do Crasto acha-se implantado na confluência do rio Alva com a ribeira da Caniça, entre as povoações da Senhora do Desterro (a norte) e a Lapa dos Dinheiros (a sul-sudoeste), na freguesia de S. Romão, concelho de Seia. As coordenadas centrais da sua elevação este são 236.850 / 380.250 Gauss, na folha 212 da CMP na escala 1:25 000 - para outros pormenores sobre as características topográficas do sítio v. SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1985 e 1986; GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1986 e 1988.

A nossa intervenção no local, iniciada em 1985, efectuou-se no âmbito de um Programa de Investigação (PEABMAM), que visa o estudo das estratégias de povoamento e exploração de recursos na região média e alta da bacia hidrográfica do Mondego, desde o neolítico ao período romano (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986: 1-7). A longa diacronia de ocupação deste povoado, claramente definida no decurso de prospecções de superfície, determinou a sua escolha. Para o local tínhamos projectado, numa primeira fase, um conjunto de seis campanhas de escavações, com as quais esperávamos obter uma caracterização suficiente das diferentes fases da sua ocupação - para mais pormenores sobre estes trabalhos e seus antecedentes v. GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989.

Ao fim de três anos de escavações, possuíamos já um conhecimento suficiente da fase mais antiga de ocupação, enquadrável no Bronze Final, e uma ainda insuficiente caracterização de algumas zonas ocupadas no período romano, particularmente durante o Baixo Império (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 197-9), embora uma importante epígrafe nos indicasse que o sítio deveria ter conhecido uma ocupação significativa em épocas menos tardias (GUERRA, 1989). Atendendo a estas circunstâncias, decidimos continuar com maior concentração de recursos e esforços a intervenção voltada para a pesquisa de uma potencial ocupação da "Idade do Ferro" e para as correspondentes às diferentes fases do período romano.

Infelizmente, tal não foi possível. A Câmara Municipal de Seia, única entidade financiadora deste projecto desde a primeira hora, manifestou logo no início do ano a sua incapacidade para fazer face a despesas desta envergadura, particularmente por ser notório o desinteresse das entidades que superintendem à arqueologia em Portugal.

Por esta razão, vimo-nos compelidos a realizar uma curta intervenção de apenas 15 dias, não podendo contar com mais de uma dúzia de colaboradores. A total falta de apoio manifestada pelo SRAZC do IPPC, que os signatários naturalmente lamentam, inviabilizou, na prática, a continuidade dos trabalhos. Assim, em 1989 já não foi possível realizar qualquer intervenção e, de facto, não sabemos quando poderão ser retomadas as investigações.

* Este texto pretende apenas apresentar alguns resultados da 4.ª campanha de escavações efectuada neste sítio arqueológico, bem como algumas reflexões que os mesmos suscitam. Não deve, portanto, ser considerado uma monografia final. Uma versão mais curta foi apresentada ao II Colóquio Arqueológico de Viseu, em Abril de 1990.

** Assistente da FLL. Investigador da UNIARQ (Unidade de Arqueologia). Centro de Arqueologia e História (INIC). Faculdade de Letras, P - 1699 LISBOA CODEX.

2 - OBJECTIVOS DA CAMPANHA

Com estes constrangimentos, estava fora de questão a abertura de uma nova frente de escavação e a continuação dos trabalhos no *Sector M* - a área junto à muralha exterior do povoado, onde identificámos a ocupação tardo-romana (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989:197-9) (v. Fig. 1) - afigurava-se de difícil exequibilidade, visto que, neste *Sector*, existe uma camada de entulhos recentes, normalmente estéril de materiais arqueológicos, e um nível de derrube de construções que chega a atingir 1,80 m de profundidade (*Ibid.*). Optámos, portanto, pela conclusão da escavação do *Sector B*.

Naquele lugar, tínhamos escavado, em 1986, uma muralha cuja construção datava do período romano, conservada apenas ao nível dos alicerces, e vestígios de um habitat do Bronze Final (*Ibid.*: 193-5). Se a nossa leitura destas realidades resulta correcta - o que julgamos ser evidente - tinha a intervenção incidido exclusivamente na zona extra-muros do habitat do período romano, pelo que a área a este da muralha nos oferecia a possibilidade de recuperar eventuais níveis de ocupação contemporâneos da sua construção/utilização, sendo de prever, por isso, que ali poderíamos, pela primeira vez neste sítio arqueológico, identificar uma situação de efectiva sobreposição de dois (ou mais) níveis de habitat - visto ser esperada a identificação do prolongamento do habitat do Bronze Final - e, para além disso, poderíamos encontrar qualquer elemento que permitisse datar a construção da fortificação, seguramente de época romana, mas de cronologia não definida.

Eram estes, pois, os objectivos da pequena campanha de escavações que projectámos, pouco ambiciosos, como se vê, mas fundamentais para a compreensão da dinâmica da ocupação humana do Cabeço do Crasto.

3 - ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área escolhida para a campanha de 1988 apresentava uma forma aproximadamente rectangular, sendo definida do lado poente pela muralha [6], já identificada anteriormente, e do lado nascente por um conjunto de afloramentos graníticos que formam como que uma barreira. A norte limitam-na outros núcleos de blocos, deixando apenas uma estreita passagem para a vertente que apresenta uma acentuada inclinação. A sul é definida por um alinhamento que parece ter sido especificamente construído para fechar o espaço onde se veio a realizar a nossa intervenção.

Constituiu-se, deste modo, uma área com 12 m x 5 m cuja extensão maior é perpendicular ao eixo topográfico implantado na primeira campanha (1985) de escavações no sítio (Fig. 1).

A área fornecia, à partida, condições ideais para conservar uma quantidade significativa de informação uma vez que, o facto de ser limitada por todos os lados por barreiras elevadas, permitiria a acumulação e conservação de sedimentos e, portanto, de vestígios das diferentes ocupações que o local teria conhecido.

4 - RESULTADOS

4.1. - Estruturas e estratigrafia (v. Figs. 2, 3 e 4)

Logo após a limpeza da camada superficial [1], era possível distinguir claramente quatro realidades:

1) Um muro largo [6], de orientação aproximada NW-SE, cuja construção atribuímos, na sequência dos trabalhos aí realizados na campanha 2(86), ao período romano. A muralha é definida por grandes blocos de granito, alguns dos quais aparelhados, e preenchida por granitos e grauaques locais de menores dimensões.

2) O derrube desta construção [23], que estudámos apenas internamente, uma vez que já tinha sido investigado do lado exterior na campanha 2(86).

3) Uma camada de terra castanha escura, bastante solta, rica em raízes, correspondente aos depósitos recentes [24].

4) Grandes blocos graníticos [30] que afloram em toda a elevação.

Retirada a camada superficial, geralmente pouco espessa, foi possível verificar que boa parte do espaço da intervenção era ocupado por estes afloramentos, entre os quais teria sido impossível o desenvolvimento, em qualquer época, de uma ocupação continuada. Limitámo-nos, por isso, a escavação à zona circunscrita pelos penedos e a muralha, retomando os trabalhos com a definição do derrube.

Ao procedermos a esta operação, esperávamos encontrar então vestígios da ocupação no período romano, tal como o fazia prever a presença, à superfície, de alguma cerâmica de cobertura (fragmentos de *tegulae* e *imbrices*), claramente deslocados do seu contexto original de deposição. Verificámo-nos, no entanto, que, contrariamente ao esperado, não existiu, nesse ponto, nenhuma construção desse período do lado interior da muralha, embora, em determinado momento, tivesse existido uma do seu lado exterior (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194 e fig. 15).

Imediatamente por baixo do desmoronamento identificámo-nos a continuidade da UE 24, interpretada então como uma camada de depósitos antigos. Era constituída por terras castanhas escuras, pouco compactas, com escasso espólio cerâmico e apresentando algumas manchas esbranquiçadas resultantes dos granitos desagregados que constituíam o enchimento da muralha [6]. Corresponde a um período compreendido entre a sua construção e a fase de abandono do habitat antigo.

Seguia-se um estrato de terras castanhas escuras [25], idênticas às da camada anterior, mas que individualizámo-nos pela abundância dos vestígios cerâmicos correspondentes a uma ocupação do Bronze Final e a que andavam associados diversos fragmentos de mós manuais. Já tínhamos experimentado a extraordinária dificuldade na identificação de pisos de habitat correspondentes à mais antiga fase da ocupação daquele sítio, no decurso da campanha de 1986, razão pela qual optámos pela realização de uma cuidada decapagem em toda a área da intervenção, removendo apenas a componente sedimentar, de modo a conservar em contexto primitivo de deposição todos os vestígios da ocupação humana. Uma das plantas apresentadas (Fig. 2) corresponde precisamente a esta situação, verificando-se a relativa abundância de espólio cerâmico, nalguns casos documentando situações de esmagamento *in situ* de recipientes pertencentes à ocupação do Bronze Final. À apreciável quantidade de fragmentos não corresponde, porém, infelizmente, a possibilidade de recuperar um número muito significativo de formas, devido à exiguidade da área preservada.

Como se pode ver na planta da Fig. 2, a conservação deste estrato [UE 25] foi possível apenas nos pontos em que o derrube da muralha do período romano lhe serviu de protecção, podendo considerar-se que na restante área a identificação dos níveis correspondentes não pode ser feita, dado o revolvimento, para fins agrícolas, das terras que os constituíam. Este facto decorre não tanto da profundidade da lavoura, mas sobretudo da escassa potência dos depósitos acumulados ao longo de vários milénios, ao contrário do que faria supor o carácter "fechado" do espaço escolhido para a intervenção. Tal circunstância poderá explicar-se pela forte erosão a que o sítio está sujeito.

Deste modo, do ponto de vista técnico, deveriam distinguir-se na UE 24 duas realidades: uma cobrindo a UE 25 (o nível de ocupação/abandono do Bronze Final) e uma outra assentando directamente sobre os granitos alterados da base (UE 31). A primeira, conservada sob o derrube da muralha romana (UE 23), a segunda, revolvida pelos trabalhos agrícolas (v. Fig. 4). No entanto, era impossível distinguí-las de facto no decurso da escavação, pelo que qualquer divisão a introduzir resultaria objectivamente arbitrária, decorrendo não de uma observação das suas características físicas, mas apenas de interpretação posteriormente efectuada.

O prosseguimento do processo de decapagem viria a revelar, de um modo mais nítido, aquilo que resultava já com certa clareza da observação deste plano: a área escavada correspondia a dois espaços individualizados de habitação que designámo-nos como Ambientes I e II (v. Fig. 3).

Ambiente I - É definido na sua quase totalidade por um conjunto de blocos de granito que parecem ter sido deslocados intencionalmente [UE 28] que compõem com os afloramentos locais um espaço de forma subcircular, parecendo apresentar uma abertura na direcção nascente. A área ocupada por esta habitação foi integralmente abrangida pela escavação, embora o piso que lhe deveria corresponder se tivesse conservado apenas na parte que foi coberta pelo derrube da muralha (Fig. 3 e 4).

Ambiente II - Situado a norte do anteriormente descrito, é delimitado parcialmente, na parte posta a descoberto, por um grande bloco granítico e por um conjunto de outros de menores dimensões [UE 29], também, ao que nos pareceu, intencionalmente deslocados. A restante área desta habitação foi coberta pela construção da muralha de período romano, não tendo sido, por este motivo, investigada. Pela dimensão, disposição e quantidade do espólio encontrado estamos convencidos que o conjunto habitacional se encontra, de um modo geral, num bom estado de conservação, devido essencialmente ao facto de a ele se ter sobreposto a estrutura romana e o respectivo derrube que o protegeu. Neste Ambiente, a norte e junto da zona da muralha, foi identificada uma fossa [UE 26], presumivelmente um buraco de implantação de um poste. O seu enchimento [UE 27], revelou-se muito rico em matéria orgânica e carvões, tendo proporcionado ainda alguns fragmentos de cerâmica do Bronze Final (Fig. 3).

Não foi possível distinguir qualquer estrato entre as camadas correspondentes à ocupação mais antiga e os granitos alterados de base [UE 31], que constituem, juntamente com os afloramentos [UE 30], o passado geológico local.

Assim, pode dizer-se que, do ponto de vista estratigráfico, o Sector B do Cabeço do Crasto não levanta grandes problemas de interpretação.

A concentração de cerâmicas de cobertura de época romana (*tegulae* e *imbrices*) que se verifica na camada [1] e no topo da UE [23], correspondente ao derrube da estrutura [6], é atribuível aos períodos modernos de utilização deste espaço e, inclusivamente, uma parte da camada compacta de pedras, com fraca cobertura sedimentar, pode ter-se constituído, por acção humana, em épocas recentes. Esta situação relaciona-se, certamente, com a utilização para fins agrícolas que toda a elevação conheceu, particularmente no período da última guerra mundial, resultando, portanto, das acções de limpeza do terreno a explorar. Idêntica razão explicaria o profundo revolvimento notado em toda a área não abrangida pela camada de derrube da muralha.

Do período romano conservou-se apenas o imponente alicerce [6] e a certeza da existência de construções com cobertura de *tegulae* e *imbrices*, aqui ou nas suas proximidades, que, no entanto, não puderam ser identificadas. Esta ocupação decorreu seguramente num período significativamente posterior ao abandono do habitat mais antigo desta área, visto que houve tempo para a constituição de uma espessa camada de sedimentos sem vestígios de ocupação humana [UE 24]. Para além disto, parece significativa a ausência de distúrbios notórios nos níveis do Bronze Final.

Por estas razões, parece plausível a afirmação de que, se existiu, de facto, uma ocupação local na Idade do Ferro, ela deve ter-se implantado em outras áreas que não a da elevação oeste.

A ocupação mais bem conservada é, sem dúvida, uma vez mais, a datável do Bronze Final. Aqui, foi possível definir claramente um "arranjo" do espaço, que parece ter implicado a deslocação de alguns grandes blocos graníticos que, juntamente com os afloramentos, delimitavam dois recintos, um de planta circular e outro, presumivelmente ovalado, cujos contornos não puderam ser integralmente investigados. É possível interpretá-los como fundações de estruturas habitacionais, certamente edificadas com materiais perecíveis. Num caso, foi possível identificar o que parece ter sido um buraco de poste [UE 26], que auxiliaria a suportar a cobertura destes recintos. Essa cobertura deveria aproveitar o grande penedo existente no local para apoiar uma parte da sua estrutura.

Não foi possível identificar pisos preparados, como, aliás, já tinha acontecido na campanha 2 (1986). A ocupação deste período encontra-se, no entanto, bem definida por uma superfície de abandono onde se encontraram recipientes cerâmicos quebrados em conexão, mós manuais naviformes, alguns percutores de quartzo e seixos rolados, cujo contexto funcional não era perceptível. No interior do Ambiente II, junto a uma área onde se encontravam alguns elementos dormentes de mós, identificámos uma laje de xisto muito fragmentada, que poderá ter servido para alguma actividade que não lográmos identificar.

Disponemos de diversos carvões para estudo antracológicos e para análise de rádio-carbono - esta última poderá vir a realizar-se no âmbito do plano de datações do IPPC / ICEN de 1990. Parece-nos plausível, de momento, e enquanto se aguarda a referida análise, extrapolar para esta camada a data de radiocarbono que obtivemos para a sua correspondente neste Sector, no lado exterior da muralha [UE 15] - ICEN - 197 2910 35 B.P. - o que permite atribuí-la ao séc. X a. C. (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194).

4.2. - *Espólio* ***

Da fase mais recente de ocupação, para além dos fragmentos de cerâmica de cobertura, recolhidos, na maior parte dos casos, em clara situação de revolvimento, há somente a registar um fragmento de um pequeno pote de cerâmica comum, recolhido no topo da UE 24. A pasta apresenta uma matriz granítica, tal como a esmagadora maioria das cerâmicas dos diferentes períodos recolhidas neste sítio arqueológico; pelo elevado teor de desidratação que apresentava, é evidente que se encontrava já num contexto revolvido. Assim, as manchas escuras que são visíveis nas paredes exteriores, tanto podem ser atribuídas à sua utilização como recipiente de cozinha, como a um qualquer acidente mais recente. Apresenta evidentes semelhanças com os potes recolhidos nos contextos tardo-romanos do Sector M (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986:40 e fig. 11), pelo que se poderá enquadrá-lo nas produções dessa época, com as devidas ressalvas decorrentes do profundo desconhecimento que ainda temos das cerâmicas comuns romanas desta região.

O espólio mais relevante que foi recolhido pertence quase exclusivamente à fase mais antiga da ocupação e não apresenta novidade de maior em relação ao já conhecido desta fase no povoado do Cabeço do Crasto. Inclui algum material lítico, mós naviformes e percutores de quartzo, mas é constituído fundamentalmente por cerâmica.

A totalidade das cerâmicas deste nível (UE 25) é de fabrico manual. As pastas, em análise macroscópica, apresentam grande uniformidade no que respeita à composição de matriz granítica, embora sejam notórios diferentes cuidados na sua preparação, em função das dimensões e formas dos recipientes, o que produz pastas de componente argilosa fina, ou grosseira, estando a primeira destinada fundamentalmente a certas formas. Face a esta homogeneidade, o critério mais evidente para a distinção das diferentes produções é o do acabamento das superfícies. Assim, podemos claramente distinguir dois grupos: o das cerâmicas polidas e o das cerâmicas "grosseiras", ou não polidas.

Dentro do primeiro grupo, são claramente distinguíveis três grandes categorias ou sub-grupos. Uma primeira, que poderíamos definir como a das cerâmicas "finas", inclui fundamentalmente formas abertas, taças carenadas, de superfícies cuidadosamente polidas, assimiláveis, genericamente, à forma 5 da recente tipologia de M. Martins (1987: 48 e Est.II). No entanto, e apesar das semelhanças formais registadas, a grande abundância de mica que patenteiam os exemplares de S. Romão afasta claramente esta tradição cerâmica da sua contemporânea do vale do Cávado (MARTINS, 1987: 40-2). É entre os recipientes deste grupo que se regista a maior utilização das pastas mais finas, embora tal composição não se verifique em todos os exemplares; é igualmente evidente a clara preferência pelas tonalidades escuras (cinzenta e negra) atribuíveis a cozeduras reductoras, ou ao "abafamento" do forno na fase terminal do processo de cozedura, situação que é frequentemente definida como cozedura oxidante/reductora.

Ao contrário do que se verificou nos níveis do Bronze Final deste mesmo Sector escavados na campanha de 1986 (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194-5 e fig. 19), a variedade de formas aqui registada é significativamente menor (v. Fig. 5, n.º 2 a 7).

É dentro desta categoria que encontramos as típicas decorações do "estilo" Baiões - St. Luzia, sempre efectuadas por gravação - incisão efectuada depois do processo de polimento e num momento em que a peça se encontrava já perfeitamente seca, o que produz um típico estalamento da superfície cerâmica nos bordos das incisões, quando é usada uma ponta acerada, ou um efeito semelhante ao "brunido", quando o instrumento é rombo - nas paredes exteriores dos recipientes. Os motivos parecem obedecer a padrões decorativos pré-concebidos, onde predomina a forma triangular, podendo registar-se um motivo próximo do n.º 156 de Ferreira da Silva (1986) (v. Fig. 5, n.º 6), ou um outro mais simples, constituído por uma linha quebrada descontínua, a que se juntaria possivelmente uma outra, mais abaixo, ambas paralelas ao plano do bordo (v. Fig. 5, n.º 7); embora num caso (Fig. 5, n.º 5) a decoração se apresente com a aparência de mero esboço, aliás bastante irregular. Tal como se verificara já nos outros sectores escavados, o número de recipientes decorados é claramente minoritário no conjunto da totalidade dos exemplares desta categoria.

Dentro das cerâmicas com superfícies polidas podem distinguir-se, ainda, dois outros sub-grupos, diferenciáveis pelas dimensões dos recipientes e, conseqüentemente, pelas presumíveis finalidades a que se destinavam.

***A terminologia utilizada na descrição das cerâmicas é a proposta por BALFET / FAUVET-BERTHELOT / MONZON, 1983 e RYE, 1988.

Um primeiro, inclui maioritariamente formas fechadas de medianas dimensões, não faltando, contudo, também, as formas abertas. São normalmente fabricos mais grosseiros, embora num caso se registre uma pasta de textura mais fina. Parecem preferir, igualmente, as tonalidades bastante escuras, havendo a assinalar, porém, algumas excepções. O leque de formas representadas corresponde ao já conhecido neste sítio arqueológico, com nítido predomínio dos recipientes abertos ou fechados, com asas de fita, arrancando do bordo (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986 e GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989), razão pela qual optámos por apresentar apenas as excepções. A primeira (Fig. 5, n.º 9) é uma forma aberta, muito esvasada, com pega mamilar sobre o bordo, registada pela primeira vez neste sítio arqueológico. Não conhecemos nada que se possa considerar análogo no conjunto dos materiais coevos já publicados do actual território português. As raras decorações registadas dentro dos exemplares deste sub-grupo foram também efectuadas por gravação: num caso (Fig. 5, n.º 8), reproduzindo uma combinação de motivos típicos do "estilo" Baiões-St. Luzia; e noutro (não desenhado), um fragmento de bordo com arranque de asa em fita, ostentando uma decoração por pressões múltiplas de unha (unhadas).

O outro sub-grupo individualizável abrange os recipientes de grandes dimensões, inequivocamente destinados à armazenagem de produtos, de que já tínhamos logrado reconstituir, na íntegra, um exemplar (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194-5 e fig. 17). Estes grandes recipientes são, naturalmente, fabricados com argilas grosseiras e denotam elementos não plásticos de grandes dimensões; apresentam-se, contudo, cuidadosamente polidos o que confere às suas superfícies, particularmente à externa, uma textura muito regular, acetinada. Verifica-se uma clara preferência pelas tonalidades claras, resultantes de cozeduras redutoras-oxidantes.

Nesta campanha recolhemos somente fragmentos que não permitiram ensaios de reconstituição significativos. No entanto, parecem estar representadas duas formas distintas: uma (Fig. 6, n.º 11) análoga ao exemplar já citado e outra de colo francamente estrangulado (Fig. 6, n.º 12). Esta última, de problemática reconstituição, e que se regista neste sítio arqueológico pela primeira vez, poderia ser igualmente provida de quatro asas e ter uma ligação angulosa entre o colo e o bojo, o que justificaria a aparência excessivamente esvasada do seu bordo. Assim sendo, poderíamos aproximá-la, de algumas formas recolhidas em contextos do Bronze Final da Citânia de S. Julião, Vila Verde (MARTINS, 1987 e 1988, Forma 3 de S. Julião I). Embora tecnicamente estas duas variantes pertençam à categoria das formas fechadas, resulta evidente a significativa diferença entre elas, o que poderá corresponder a uma eventual diversidade funcional - a primeira destinada à armazenagem de sólidos e a segunda à de líquidos?...

Há a registar, ainda, um único caso de decoração neste sub-grupo: um recipiente fechado que ostenta um cordão plástico, paralelo ao bordo, na parte superior do bojo (Fig. 6, n.º 13). Este tipo de decoração, não sendo inédito neste sítio arqueológico, é, de facto, pouco frequente e quase sempre apanágio deste sub-grupo.

Por último, claramente distinta das produções anteriores, surge a categoria das cerâmicas "grosseiras". Estas, apresentam um fabrico pouco cuidado, que contrasta fortemente com os desvelos recebidos pelas produções enquadráveis nos sub-grupos atrás citados. Invariavelmente produzidas com argilas grosseiras, denotam frequentes irregularidades de fabrico, bem patentes nos múltiplos acrescentos e "remendos", visíveis na maior parte dos exemplares, que não foram disfarçados pelo acabamento das superfícies. Este é bastante variável, registando-se situações de alisamento descuidado, feito à mão ou com escova, senão mesmo "batido" (RYE, 1988:84-5), ou, ainda, por raspagem de escova ou pente. O pouco cuidado posto nestas operações e a fragilidade dos recipientes, decorrente da sua moldagem irregular, tornam particularmente difícil a sua conservação, tanto mais que, por vezes, atingem dimensões bastante grandes (Fig. 6, n.º 14).

As formas são relativamente monótonas, quase sempre potes de média dimensão, providos de asas em fita que arrancam dos bordos. No entanto, registamos aqui um exemplar particularmente grande (Fig. 6, n.º 14), que é também uma das formas mais completas que até hoje registámos dentro deste sub-grupo. Estes recipientes apresentam-se, na maioria dos casos, decorados por incisão com a unha (unhadas), quase sempre sobre o bordo (Fig. 7 n.º 17 e 19), mais raramente no bojo (Fig. 7, n.º 18). Neste panorama de formas pouco variadas há a registar, todavia, uma vez mais, a forma aberta, muito esvasada, com pega mamilar sobre o bordo, que se apresenta também decorado com unhadas (Fig. 7, n.º 15), aparentemente muito semelhante ao exemplar da Fig. 5, n.º 9. Digno de nota é ainda um fundo reforçado, ostentando no exterior uma decoração, formando faixas perpendiculares ao plano da base, feita com pente, ao que julgamos, semelhante a outras documentadas no povoado da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul (SILVA, 1978: 188 e 1979: 522).

Como tem sido frequentemente notado, é dentro deste grupo que se encontram os recipientes com sinais de fogo, o que sugere a sua utilização na preparação de alimentos. Curiosamente, ao contrário do que acontecia nas outras áreas do Sector B, este grupo aparece aqui escassamente representado.

Numa apreciação globalizante, é conveniente salientar que as pequenas taças carenadas ocorrem exclusivamente na primeira categoria mencionada, dentro das cerâmicas polidas, e que, pelas suas dimensões, a categoria dos grandes recipientes de armazenagem se destaca, de igual modo, de forma clara dos restantes materiais. Quanto às formas propriamente ditas, é notória a identidade entre as produções que integrámos na segunda categoria das cerâmicas polidas e as "grosseiras". Tal identidade, já claramente demonstrada para os potes de asas em fita arrancando do bordo, fica igualmente demonstrada para os recipientes abertos com pegas mamilares sobre o bordo (cf. Fig. 5, n.º 9 e Fig. 7, n.º 15).

Quanto às decorações, parecem bem significativas as observações efectuadas: a técnica da gravação ocorre somente nos recipientes de superfícies polidas, o que demonstra claramente a prioridade concedida ao acabamento de superfícies, sobre a elaboração dos motivos decorativos, no decurso da actividade dos oleiros, mesmo nos casos em que esta se resume a simples unhas sobre o bordo. Naturalmente, nas cerâmicas "grosseiras" a decoração é sempre por incisão efectuada com a pasta ainda fresca.

A abundância de fragmentos de recipientes de paredes polidas não pode deixar de se relacionar com a ausência de lareiras nesta área do Sector B. Assim, aparentemente, encontramos mais um elemento de confirmação das funções normalmente atribuídas aos recipientes de fabricos "grosseiros".

Para além dos grandes grupos cerâmicos referidos, registamos dois fragmentos de recipientes decorados, cujas formas não conseguimos reconstituir (Fig. 7, n.º 20 e 21). Em ambos os casos, apesar de as pastas apresentarem igualmente uma matriz granítica, parece tratar-se de materiais importados, visto que a gramática decorativa que apresentam é inédita neste povoado, assim como o é a prática das decorações simultaneamente internas e externas. Embora não seja fácil apresentar paralelos exactos para o n.º 20, podem assinalar-se algumas decorações típicas da fase de Cogotas 1 da Meseta (FERNANDEZ-POSSE Y ARNAIZ, 1986: 477-80, Fig. 1, n.º 1, 7 e 10 e Fig. 2, n.º 1 e 2) e para o n.º 21 podem referenciar-se as decorações pontilhadas de Baiões, ou mesmo as decorações com punção, em "espiga" (KALB, 1978: *passim*; 1979: SGB 149, 155, 131 e 140 e SILVA, 1986, motivos 63 a 68) e ainda algumas cerâmicas do Castelo de Matos (Baião) (FIGUEIRAL / QUEIROGA, 1988: 142-3, Fig. 9, n.º 2-3). Por fim, apresentamos um estranho objecto cerâmico, aparentemente uma pega de feição zoomórfica (Fig. 7, n.º 22).

5 - CONCLUSÃO

A campanha 4(88) não trouxe, pois, grandes novidades em relação ao que já se conhecia do Cabeço do Crasto de S. Romão. Genericamente os dados que obtivemos em nada colidem com um enquadramento geral no chamado grupo cultural de Baiões-St. Luzia (SILVA, 1978 e 1979; KALB, 1978 e 1979); facto que já tínhamos sublinhado em anteriores trabalhos (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986 e GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989). Inclusivamente, parece plausível extrapolar para o nível de ocupação/abandono do Bronze Final (UE 25) a data de Radiocarbono que obtivemos para idêntico nível daquele sector de escavação e, deste modo, datá-lo do Séc. X a. C.

O aspecto mais saliente dos trabalhos foi a definição, de uma forma clara, de espaços de habitat deste período. Parece, por outro lado, confirmar-se, pela negativa, que em toda a área da elevação oeste a ocupação de períodos imediatamente posteriores ao Bronze Final não foi relevante, ou dela não se conservaram vestígios.

No período romano este espaço foi usado, designadamente pela edificação de uma muralha e de outras construções apenas reveladas, de forma indirecta, por fragmentos de cerâmicas de cobertura. Não é de excluir a hipótese deste espaço ter desempenhado alguma função relevante no povoado romano, recorde-se que, no derrube externo da estrutura [6], foi recolhida uma ara anepígrafa (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1988 e GUERRA, 1988). No entanto, por se encontrar num contexto de reaproveitamento torna-se arriscado procurar extrair conclusões deste facto. A tarefa de identificar os vestígios dessas construções é, no entanto,

prejudicada pelas vicissitudes a que esteve sujeito o local e a que já nos referimos noutra lugar (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1988).

É, pois, de excluir esta área de um projecto de continuação dos trabalhos conducentes à elucidação sobre a possível ocupação da Idade do Ferro, bem como para o estudo dos níveis do período romano. Assim, se os resultados acabaram por ser efectivamente redundantes, foram, porém, importantes para encerrar o ciclo das nossas escavações da elevação oeste deste sítio arqueológico.

BIBLIOGRAFIA:

- BALFET, H. / FAUVET-BERTHELOT, M.-F. e MONZON, S. 1983: - *Pour la Normalisation de la Description des Poteries*, Paris, CNRS.
- FERNANDEZ-POSSE Y ARNAIZ, M. D. 1986: - La Cultura Cogotas I, in: *Homenaje a Luis Siret*, C. C. J. A., pp. 475-487.
- FIGUEIRAL, I. M. A. C. R. & QUEIROGA, F. M. V. R. 1988: - Castelo de Matos 1982-86, in: *Arqueologia*, 17, pp. 137-150.
- GUERRA, A. 1989: - Uma importante epígrafe proveniente do Cabeço do Crasto (S. Romão, Seia), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, G. C. V., pp. 425-430.
- GUERRA, A.; FABIÃO, C. J.; SENNA-MARTINEZ, J. C. 1986: - Cabeço do Crasto, S. Romão, in: *Informação Arqueológica*, 8, pp. 35-38.
- GUERRA, A.; FABIÃO, C. J.; SENNA-MARTINEZ, J. C. 1989: - O Cabeço do Crasto, S. Romão, Seia. Alguns resultados preliminares das campanhas I(1985) a 3(1987), *Actas do I Congresso Arqueológico de Viseu*, Viseu, G. C. V., pp. 189-234.
- KALB, Ph. 1978: - Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf eines Höhensiedlung des Atlantischen Bronzezeit in Portugal, in: *Madrider Mitteilungen*, 19, pp. 112-138.
- 1979: Contribución para el Estudio del Bronce Atlántico: Excavaciones en el Castro "Senhora da Guia" de Baiões (S. Pedro do Sul), in: *XV Congreso Nacional de Arqueología (Lugo, 1977)*, Zaragoza, pp. 581-590.
- MARTINS, M. 1987: - Cerâmica Proto-histórica do Vale do Cávado: Tentativa de sistematização, in: *Cadernos de Arqueologia*, série II, 4, pp. 35-77.
- 1988: *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, "Cadernos de Arqueologia", 2, Braga.
- RYE, O. S. 1988: - *Pottery Technology. Principles and Reconstruction*, 2.ª ed., Washington, Tarexatum.
- SENNAMARTINEZ, J. C.; GUERRA, A.; FABIÃO, C. J. 1985: - Cabeço do Crasto, S. Romão. 1.ª campanha, in: *Informação Arqueológica*, 7, p. 44-46.
- 1986: "Cabeço do Crasto", S. Romão, Seia. *A campanha I(1985). Catálogo da exposição temporária*, Lisboa.
- SILVA, A. C. F. 1986: - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, C. T. 1978: Cerâmica típica da Beira Alta, in: *Actas das III Jornadas Arqueológicas da A. A. P. (Lisboa, 1977)*, 1.º vol., Lisboa, pp. 185-196.
- 1979: O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul), in: *Beira Alta*, 38, pp. 511-531.

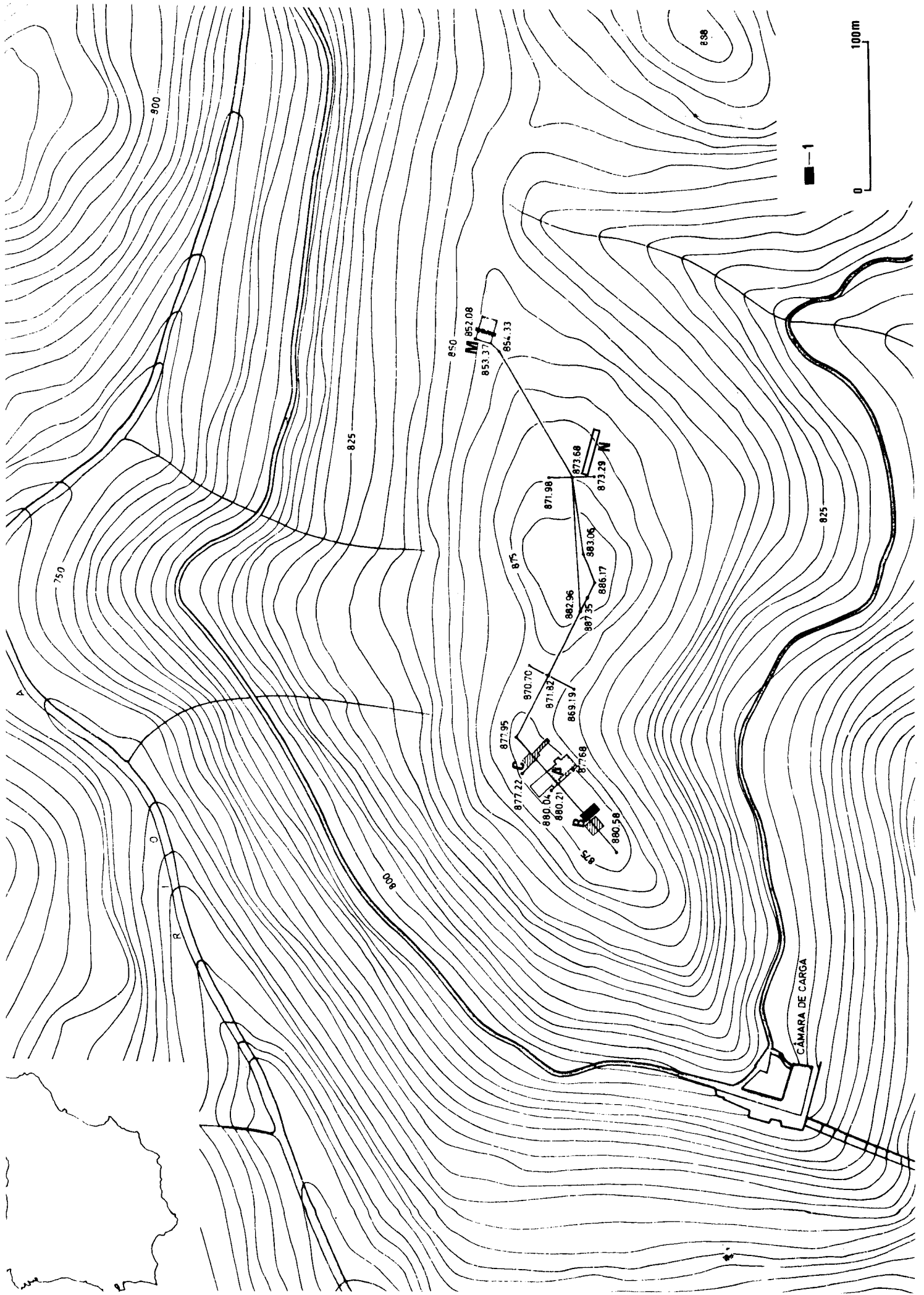


Fig. 1 - Planta Geral do sítio. 1 - Local onde se efectuou a intervenção a que se reporta o texto.

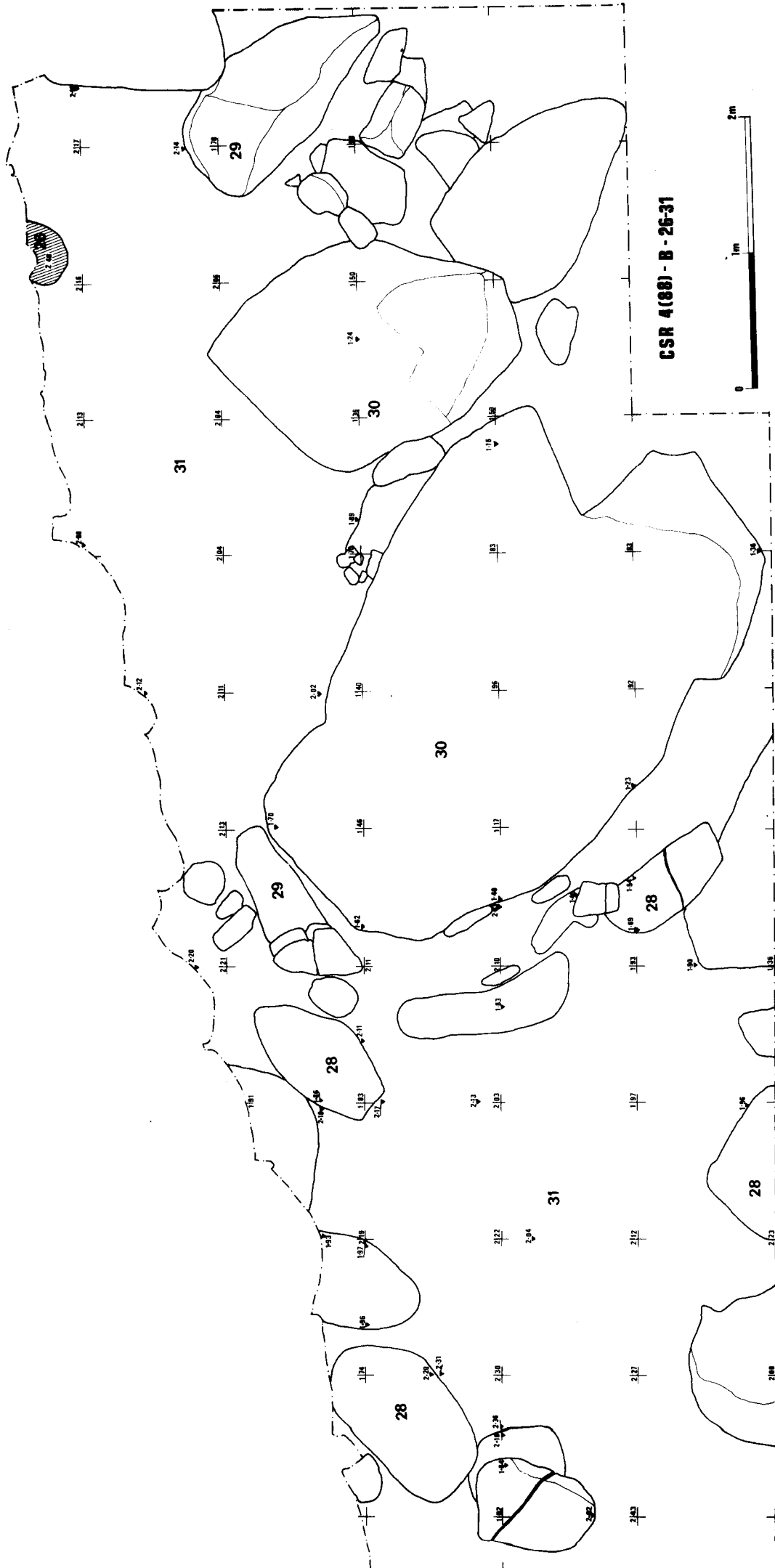
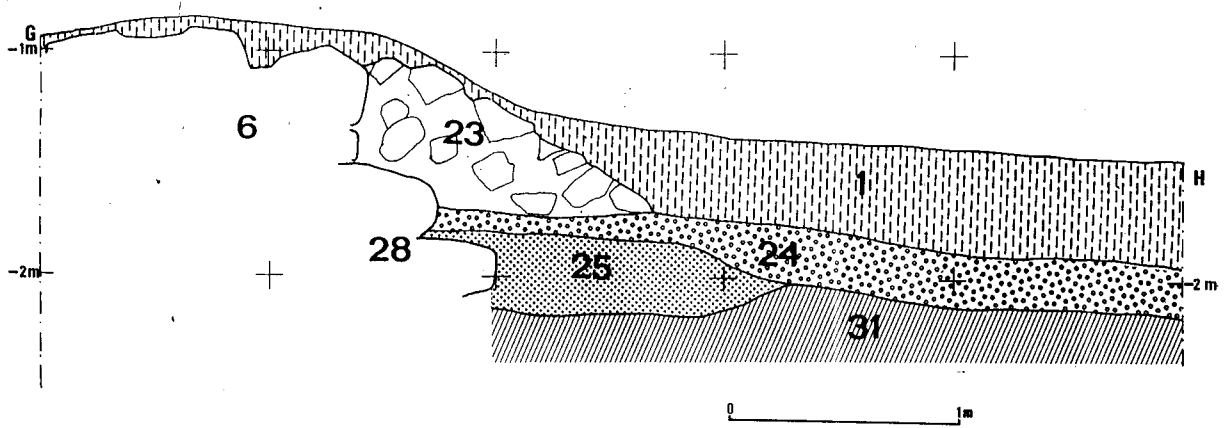
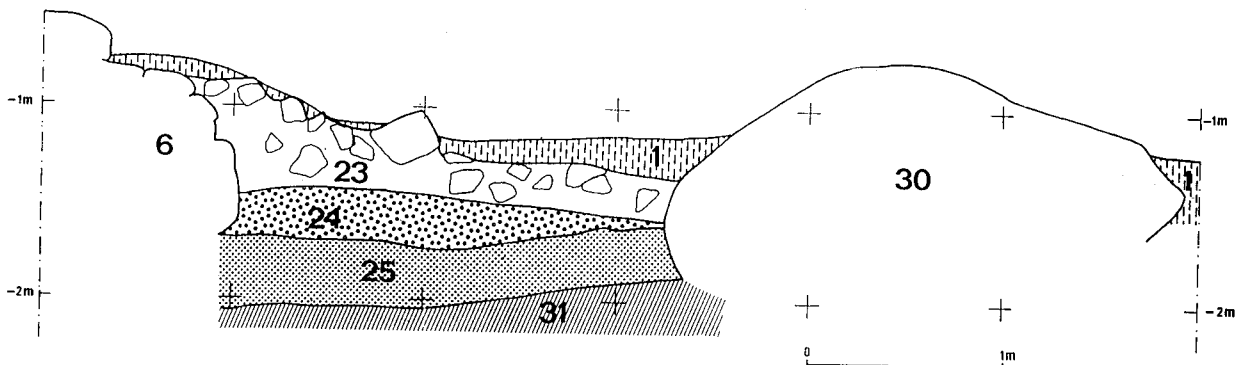


Fig. 3 - Planta da área escavada correspondente às realidades do início da ocupação do Bronze Final.

Fig. 4



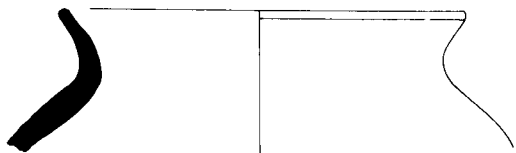
CSR 4(88) - Corte 3



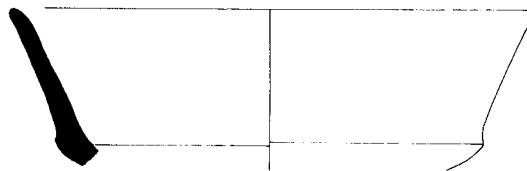
CSR 4(88) Corte 2

Perfis estratigráficos da área escavada na campanha 4(88).

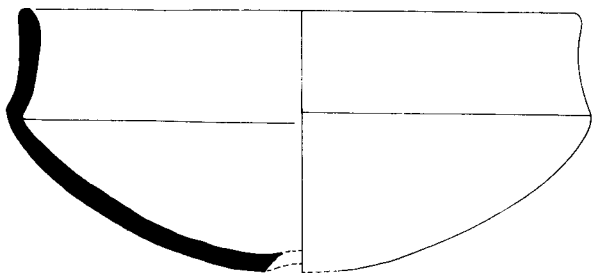
Fig. 5



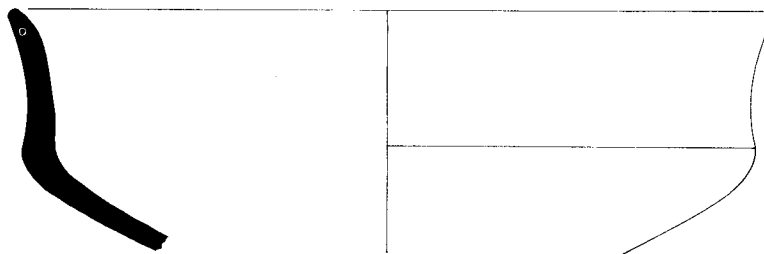
1



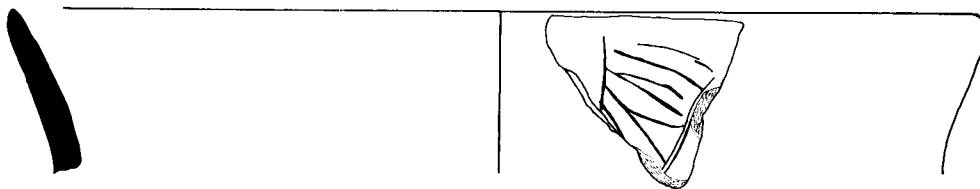
2



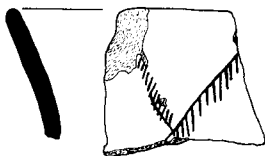
3



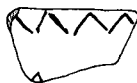
4



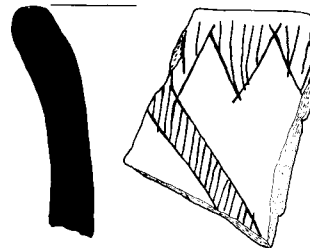
5



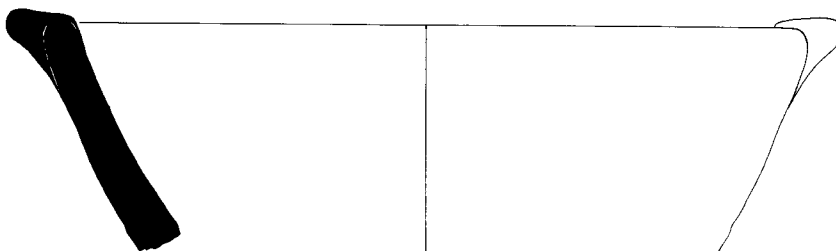
6



7



8

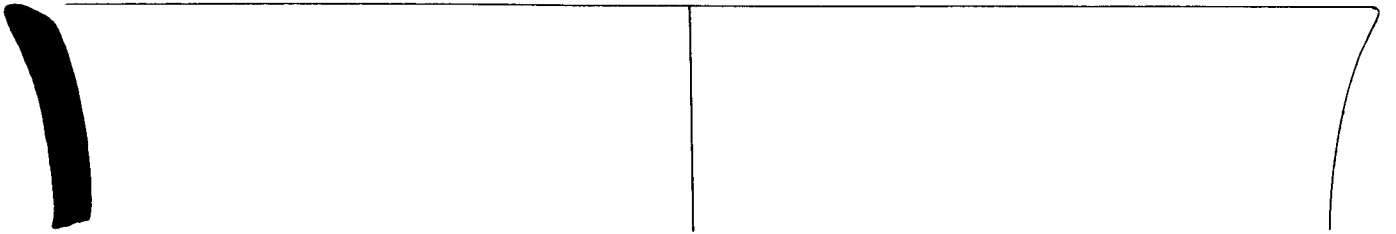


9

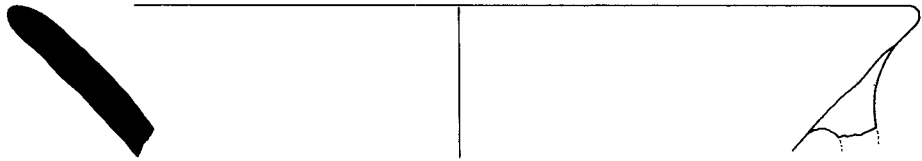
Fig. 6



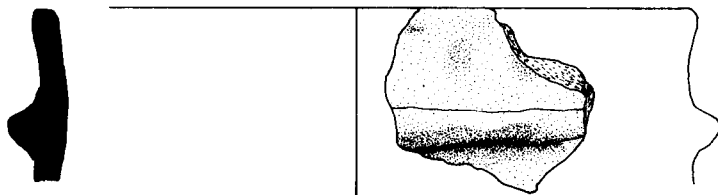
10



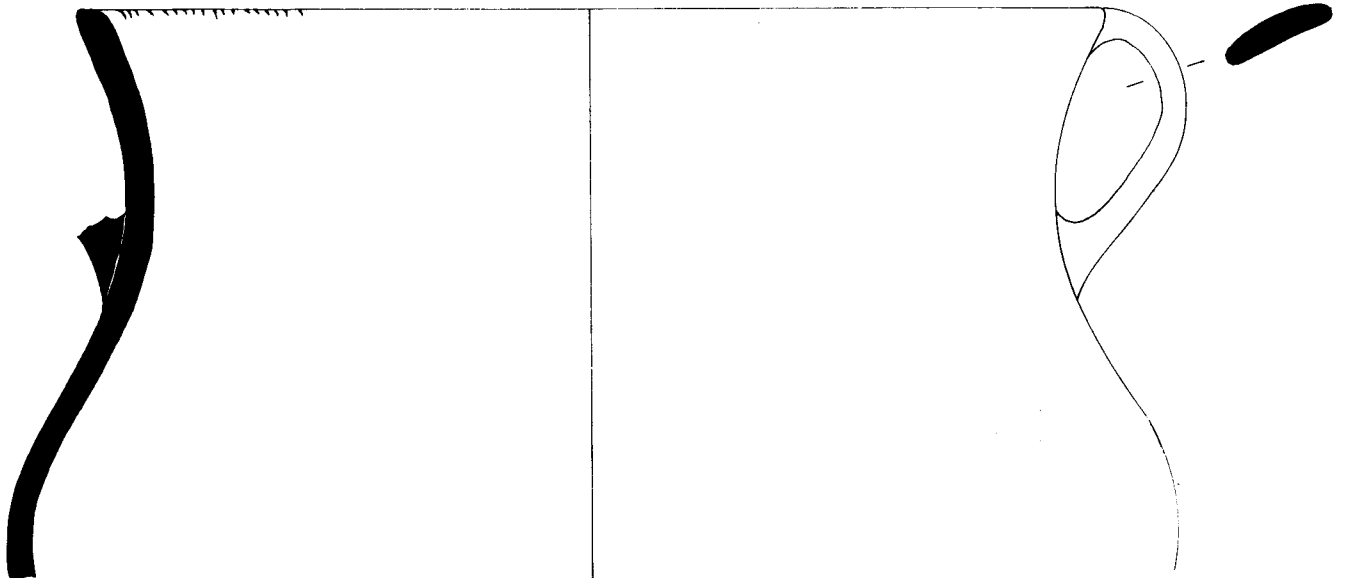
11



12

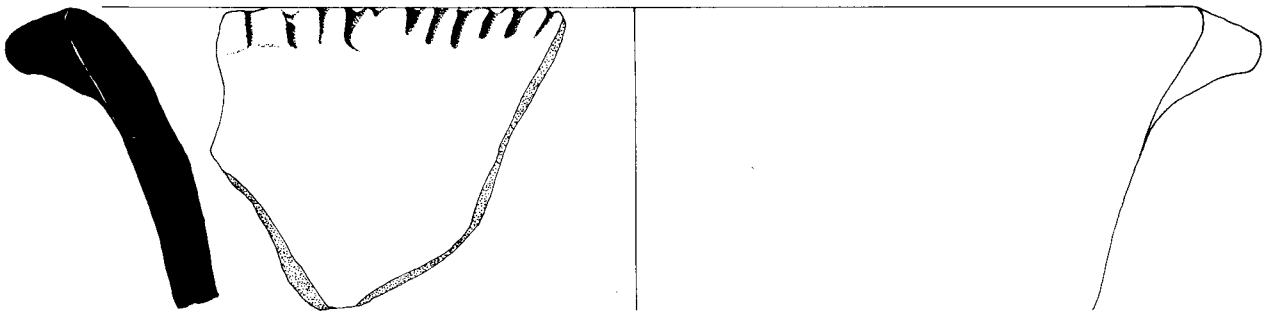


13

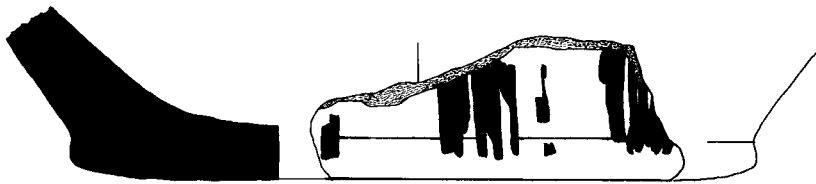


14

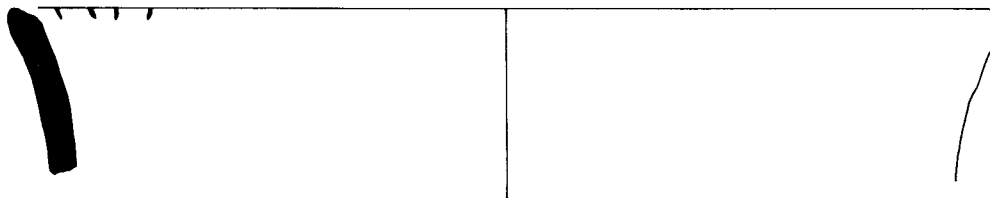
Esc. 1:3



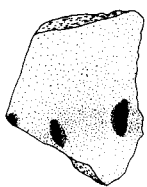
15



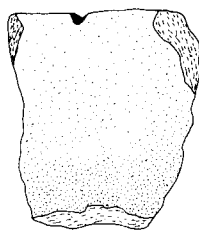
16



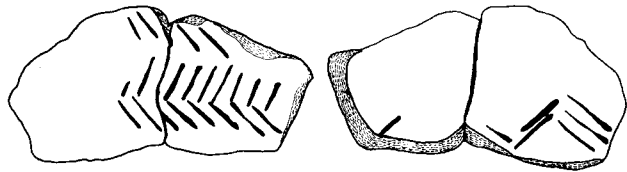
17



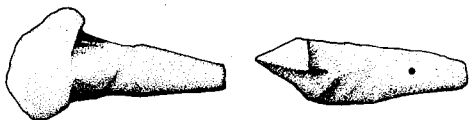
18



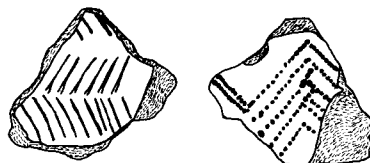
19



20



22



21

